

30 NOV 1992

e 1992 — GAZETA MERCANTIL

POLÍTICA ECONÔMICA

Dorothea Werneck procura tranquilizar empresários quanto a política de preços 310

por Luci Moraes
de São Paulo

"Os senhores não serão surpreendidos com medidas de congelamento de preços. A experiência já nos mostrou que não será com medidas heterodoxas que corrigiremos o País." Com essas palavras, a secretária executiva do Ministério da Fazenda, Dorothea Werneck, procurou tranquilizar os cerca de 250 representantes de instituições financeiras presentes na sexta-feira ao almoço da Associação Brasileira de Bancos Comerciais e Múltiplos (ABBC).

A secretaria substituiu o ministro da Fazenda, Gustavo Krause, esperado no encontro e que, segundo ela, ficou retido em Brasília na discussão final da nova política econômica a ser anunciada.

Dorothea assegurou que a preocupação do presidente Itamar Franco com os reajustes dos remédios não significa o retorno ao controle de preços. Quanto às tarifas públicas, ela acrescentou que estão sendo estudados novos critérios para a determinação de aumentos, mas que ainda não foram definidos.

O presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Alcides Tápias, disse que o governo deve anunciar o quanto antes a nova política econômica para que as empresas possam se organizar e planejar seus investimentos.

Tápias acrescentou que a reforma fiscal deveria se concentrar na simplificação da cobrança de impostos, com menores alíquotas que permitissem aos setores informais passar à formalidade, e no combate à sonegação. "Poderia ser aceito um aumento de tributação apenas no caso de esforço transitório para garantir o caixa do governo, que, em contrapartida, faria uma rígida contenção de gastos", acentuou.

O presidente do Banco Central (BC), Gustavo Loyola, declarou que não haverá alteração da política monetária no curto prazo. Sua previsão é de que a taxa de juros entre numa trajetória descendente, a partir da aplicação da reforma fiscal. "Com o equilíbrio das contas do governo, haverá menor demanda pela moeda e menor pressão sobre os juros", destacou.